Chuvas reanimam agricultor familiar

28/04/2018

Curtir 0 Tweet

Passou a Micareta, está chegando a época dos festejos juninos – logo mais o forró vira a trilha sonora do feirense – e, em junho, também acontece a Copa do Mundo, que pode levar o futebol brasileiro a se redimir do vexame doméstico de 2014. Mais adiante acontecem as eleições gerais – de presidente da República a deputado estadual – quando, espera-se, os ânimos comecem a serenar. A agenda do ano é intensa, mas para o agricultor familiar da Feira de Santana e das cercanias, há outro marco igualmente importante.

São as chuvas que começaram a cair nos primeiros dias de abril. A estação seca se estendeu desde meados de setembro, quando as providenciais garoas que permitiram uma colheita farta no inverno passado cessaram. Ficou a tensa expectativa sobre as trovoadas – que ajudam no armazenamento da água que serve aos animais, ao plantio e até mesmo ao consumo humano – que não se precipitaram com a intensidade desejada no verão.

Por aqui, os primeiros meses do ano foram de expectativa: trovoadas na Chapada Diamantina, no Oeste, no Norte da Bahia e muito além – no infindável hinterland semiárido dos estados nordestinos – alimentaram as esperanças. Mas as chuvas fortes foram escassas, apesar do calor insano, das nuvens densas e dos clarões que denunciavam relâmpagos distantes, lá para os lados de Tanquinho e Riachão do Jacuípe.

No princípio de abril, porém, as chuvas chegaram. No começo, tímidas, às vezes até pouco mais que suaves chuviscos. Mas depois começaram a se tornar mais frequentes, inclusive ao longo da Micareta, quando o feirense teve que rebolar com ânimo redobrado para espantar o frio das madrugadas chuvosas. Largas poças de água e a lama revolvida por pés inquietos mostravam os fluxos mais intensos.

Chuva fria

Desde terça-feira (24) as chuvas persistem: naquela tarde, nuvens compactas cobriram o céu feirense, despejando uma chuva fria que espantou quem foi surpreendido pela rua. A porção vertical da cidade – que ganha forma ao longo da Getúlio Vargas – desapareceu sob a cortina cinzenta e úmida. As luzes foram se acendendo, melancólicas, sob o tênue véu de água. Os limites da cidade desapareceram, condensando-se às nuvens encardidas.

No campo feirense já começou o lufa-lufa de quem planta, de quem aguarda colheita favorável para os festejos juninos e para os provavelmente frios meses de julho e de agosto. A terra úmida é revolvida pelas enxadas empunhadas por mãos ágeis. O milho e o feijão são garantia de renda adicional nesses tempos atrozes.

Pelas estradas são visíveis os trabalhadores agitados logo no início da manhã, apressando-se nas suas tarefas, contentes com as perspectivas promissoras, caso as chuvas se estendam pelos próximos meses. Lá adiante, aquelas cantigas típicas da bata do feijão ressoarão pelos campos das cercanias da Feira de Santana. Espera-se que, no Centro de Abastecimento, os preços estejam mais em conta e a variedade seja maior.

A gente do meio urbano encara a chuva como um incômodo que atrapalha sua rotina. Pensam na roupa molhada, nos compromissos retardados, na condução lotada, nos inevitáveis contratempos. Mas no campo, não: lá o pequeno produtor – o agricultor familiar – aguarda que a benção das chuvas siga se desprendendo das nuvens cinzas.

André Pomponet

0 comentários Classificar por Mais recentes

Adicionar um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

LEIA MAIS

André Pomponet
Estatização da Micareta abala
25/04/2018

André Pomponet
Micareta começa informalme
17/04/2018

André Pomponet
Redes sociais incubam o ódio
11/04/2018

André Pomponet
Perfil partidário das prefeitura desde 2016
10/04/2018

André Pomponet
Fim de semana de intensa ag
09/04/2018

« Anterior Pr

© Todos os direitos reservac
Email: infocultural@infocult